

Não é por causa de eu não saber uma coisa que ela é secreta, e não é por causa de uma coisa ser secreta que ninguém sabe o que ela é. Não é por causa de uma coisa ser segredo que eu não sei o que ela é. Também posso saber da existência de um segredo sem saber que segredo é esse. Tenho a impressão de que acima de tudo, o segredo e o secreto levantam questões de linguagem. Como é que se mantém aceso o rumor de um segredo sem nunca o contar? Tem que se fazer saber que há um segredo, tem que se saber espalhar o boato de que há um segredo. Porque se ninguém souber que um segredo existe, então não há segredo, o que não se sabe nem um bocadinho simplesmente não existe. Há coisas que sempre existiram sem que ninguém delas soubesse e que a certa altura passam a existir porque são descobertas. Mas um segredo é outra coisa, funciona de outra maneira. Um segredo serve para criar formas de coesão entre pequenos grupos, serve para que as pessoas desse grupo se identifiquem umas com as outras e desenvolvam dinâmicas internas de cumplicidade. Tem a ver com criar zonas de exclusividade dentro de um espaço social aberto. Um segredo cria uma fronteira invisível entre um interior e um exterior que para além das pessoas naquele grupo ninguém sabe bem onde estão. São como jogos de sombras, umas vezes vêm-se, outras vezes não, mas de alguma maneira estão sempre presentes. Um lagarto é apanhado em cima de uma ponte depois de um tiroteio. Uma vaca explode ao pisar uma mina entre o arame farpado e os abrigos. Numa noite sem luar ouvem-se tilintar as garrafas vazias presas ao arame farpado que serviam de alarme em caso de ataque inimigo. “Ficámos acordados a noite toda agarrados às armas à espera que eles viessem, mas nunca apareceram. Era o vento!” Quem são os inimigos? “São os que nos querem apanhar!” E durante o dia como era? “Sei lá, eu queria era vir-me embora!” “No aeroporto de Bissalanca havia bombas de Napalm, sabia?” “Os americanos mandavam uns pós e nós misturávamos aquilo com gasolina e outras merdas.” “As nossas operações eram uma meia hora, íamos nos helicópteros, quando voltávamos já lá não estava nada, rebentávamos com aquilo tudo em cinco minutos” “Eu é que fazia as autópsias sabe...? Quando chegavam à enfermaria às vezes já vinham todos aos bocados e eu é que tinha que mexer naquilo tudo... nunca disparei um tiro, mas sinceramente devo ter sido o que mais mortos viu naquela guerra.” Há muitas maneiras de falar de uma coisa. Quando não encontramos as palavras damos por nós a exprimi-las através da maneira como nos sentamos tensos à mesa, de como apertamos o pulso esquerdo com a mão direita, de como cruzamos olhares com outras pessoas, de como rabiscamos um diagrama, um mapa, num bloco de notas ao tentarmos explicar algo para o qual acabamos por nunca encontrar a expressão certa. “As palavras não chegam para explicar o que eu vi e quero dizer, é complicado...” dizia o enfermeiro do quartel de Piche quarenta e quatro anos depois de terminar a sua comissão.

## **Soldier Playing with Dead Lizard**

Daniel Barroca

2008, video instalação de 8 canais, p/b, som, loop